



Gaiato

ANO XXVII — N.º 690 — Preço 1\$00
22 DE AGOSTO DE 1970

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Burocracite

Desculpem-me os leitores mais este desabafo. Mas hoje, só hoje, foram três mordidelas deste micróbio — e a gente não é capaz de evitar um ai.

1 — Acabou o ano lectivo... Os da Telescola que foram a exame, todos passaram. Para documentação futura, aliás imediatamente necessária aos que prosseguem um curso secundário, houve que requerer diploma e certidão do respectivo. Que cada papel tenha o seu emolumento, pois que seja... Mas que se seja castigado a encher dois papelinhos selados com a mesma prosa, dirigida à mesma entidade, a pedir cada qual seu documento — para quê?...

2 — Dois pequenos de Elvas aguardam sua admissão. Como norma não nos podemos dispensar de conhecer previamente o seu nível mental. Para tal, tiveram de ir ao Dispensário de Portalegre, pelo visto, o que serve a cidade de Elvas. Foram. Naturalmente quem os levou disse aos médicos para que fim era o exame e da evidente necessidade de se conhecer o resultado. Pois não foi dado tal conhecimento. «Eles (nós), que nos peçam».

E aí chegou hoje carta de Elvas, de quem se interessa pelos miudos, suplicando aflito, que não demorássemos a pedir «porque no fim do mês os Senhores Doutores vão para férias (...) e os garotos estão mesmo necessitados de serem chamados para aí».

Cont. na TERCEIRA página



Começamos por dizer-te alguma coisa do aniversário desta nossa casa.

Os nossos rapazes saberiam dizer melhor do significado deste dia 1 de Julho, se a vivacidade da Juventude os não açambarcasse.

Nós todos, cada um à sua maneira, saboreámos este dia: como que o prólogo dum livro que se leu e deu gosto de voltar ao princípio; como que olhar um album, e reviver...

Começámos de manhãzinha os nossos festejos. O palco foi o Altar. Foram ao «Banquete» todos os que, «chamados», responderam. A palavra foi simples: A doação d'O que aceitou ser crucificado e a Força resultante dessa doação. O sangue vertido pelo Homem capaz de ressuscitar os outros...

O Cristo de há dois mil anos é de hoje e de sempre. Se nós quisermos, será para nós «a Ressurreição e a Vida».

* * *

Hoje saí da minha casinha pra ir prá minha Casa. Como

Continua na QUARTA página

A maior parte dos homens continua ao abandono. É muito fácil convencermos-nos de que amamos Deus, desprezando os homens. É muito fácil amar Deus desencarnado. Mas não é este amor que Deus quer, porque é imperfeito.

Todo o homem é digno de ser amado. Primeiro, porque Deus o amou, criando-o e conservando-o. Cristo resgatou-o com Sua própria Vida e assiste-o continuamente pela Sua Igreja. O homem não é um trampolim para se chegar a Deus.

Quando Cristo, na parábola do Bom Samaritano, nos aponta o amor pelo homem caído na valeta, não põe outros fins no amor. É o homem. — E quem é o próximo? — É todo aquele que está no nosso caminho.

Estamos tão habituados a amar o próximo por amor de Deus que quase não somos capazes de o amar porque ele é digno do nosso amor. É digno porque entrou no plano do amor de Deus. Mesmo o homem pecador. O homem chagado. O homem ladrão. O homem prostituído. O homem criminoso. Todos os homens.

Quantas vezes tenho pedido perdão a Deus por O ter ofendido, quando digo a estes meus

filhos que os amo porque quero amar a Deus! Como devo pedir perdão a estes meus filhos que têm direito ao meu amor! Como devo pedir perdão a todos os meus irmãos a quem tenho falado por amor de Deus.

Ontem, no passeio de uma rua, passei ao lado dum homem ainda novo, muito raquítico, quase sem olhos, mal vestido e muito triste. Ia apalpando o passeio e levava dependurada ao pescoço uma saquinha preta. Vi que mendigava: mendigava o pão e mendigava amor. Apeeteceu-me parar mas não o fiz. Segui o meu caminho e fui almoçar com alegria. Foi-me assim mais cómodo. O céguinho atrofiado, continuou a mendigar o meu amor!...

Junto ao nosso acampamento, encontrei um homem de idade

Cont. na SEGUNDA página



LEGENDA, PARA QUÊ?!...

Vamos partir dentro de instantes para uma das praias dos arredores da Capital. Mais do que angariar o pão de cada dia pretendemos ser instrumentos dóceis de comunicação da Palavra de Deus, partilhando com os auditórios as nossas

angústias e preocupações ao serviço das vítimas inocentes dos pecados, de acção e de omissão, dos homens. É que, em mais de noventa por cento, os casos que nos são postos resultam da inobservância do Decálogo, em que o dessoramento moral, o egoísmo feroz, a busca desenfreada do prazer se espriam cada vez mais, com as consequentes misérias e infelicidades. É intenção nossa obrigar a reflectir para em comum nos encontrarmos no único e verdadeiro caminho: o do Evangelho. A linguagem que utilizamos nem sempre será a mais cómoda para quem fala e para os que escutam. Não sabemos, porém, como tratar verdadeiramente dos assuntos se não chamarmos pelos nomes às coisas, custe a quem custar e doa a quem doer. Foi assim Jesus, nosso Mestre e Senhor, não nos constando que visasse outro

objectivo que não fosse o bem e a salvação de todos os Homens. E se somos solidários uns dos outros, não vemos outro processo de encarmos seriamente os problemas.

x x x

Podemos dizer que, em geral, encontramos da parte dos nossos Irmãos no Sacerdócio a melhor das compreensões nas nossas andanças. Um ou outro caso menos permeável ao sentido da nossa missão não invalida o afirmado. Todavia, por ser verdade, é preciso dizer haver ainda quem recuse os auditórios dos templos ou impeça a simples venda de «O Gaiato» às portas das igrejas, como se o Mundo não chegasse para todos. Critérios!

x x x

O tempo vai quente e seco, como é próprio da época. Vazio e seco vai também o leito da generosidade, para lá de uma ou outra presença de sempre. Como a Obra não é nossa mas de todos, não vemos inconveniente em denunciar em termos meteorológicos o estado de coisas. Tantos bens que se delapidam nesta época, em futilidades e prazeres nem sempre razoáveis, não podem fazer esquecer os que precisam. As vaidades do mundo passam quando menos esperamos; depois, restarão o pó que somos e o bem que tivermos feito.

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

A Campanha atingiu a maioridade. Pelo tempo e pela devoção esclarecida de quantos lhe dedicam — ou dedicaram — o melhor do seu esforço, da sua alma, do seu interesse.

● RECORDAR É VIVER

Faz 21 anos, no próximo mês, que o «Famoso» largou de oficina estranha. E passou a vestir roupa em nossa Casa, com gente nossa; confirmando a divisa que traz estampada no rosto.

Foi obra difícil para o tempo sob todos os aspectos. Inclusivé, pela falta de maquinaria — sujeitos à crise da última conflagração mundial. O que havia, era velho — e por bom preço.

Quando, porém, a fé estremece os homens, Deus põe-lhes a mão por cima. E faz surgir o incrível. Pai Américo andou prá frente!

Como fomos ontem, como somos hoje, — como seremos amanhã!...

● BASTOU UMA CHISPA

Estávamos, na altura, com cerca de 20.000 exemplares de tiragem. E com gente e máquinas nossas, mais um mundo ansioso, inquieto, sedento de Amor, era preciso ir mais prá frente! Mais e mais leitores. Era preciso a primeira campanha em forma! Bastou uma chispa de lume! Pai Américo lançou-a carinhosamente, aos quatro ventos. Pois quisemos fôsse ele mesmo — por suas mãos, pelo seu punho. Ergueram-se — e estão erguidas — milhares de mãos, de almas operantes. Foi labareda. São labaredas!

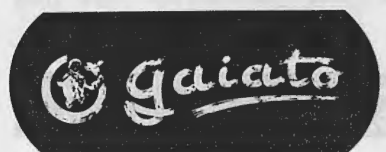
Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

carregado com um grande feixe de lenha às costas. Habituei-me a vê-lo assim. Há tantos anos que o vejo sempre feito escravo. É demente e serve para gozo de outros homens. É possível que tenha sido objecto de muita compaixão, mas ainda não encontrou quem o amasse, dando-lhe o lugar que Deus lhe marcou na sociedade. Quando o encontro fico ferido e revoltado, mas continuo o meu caminho. É mais fácil assim!...

Senhor do Céu e da Terra!, quero amar-Vos, mas quero amar também todos os homens, porque só assim Vós aceitais o meu amor. Ajuda-me a viver e a ensinar isto a todos os homens meus irmãos!

Padre Horácio



CAMPANHA DE ASSINATURAS

● UM SONHO...

Sonhávamos, então — todos, todos! — com os 50.000. Era a Campanha dos cinquenta mil. Hoje, já são 50.500!! Não sei se esta edição vai mesmo aos 51.000... E não-de ser mais. E mais. Como? Porquê? Primeiro, pelo vosso interesse. Segundo, porque Pai Américo está lá em Cima, a orientar a marcha da Procição — sob a direcção do Pai Comum...

● UMA FACETA IMPORTANTÍSSIMA

A Campanha atingiu a maioridade. Sim; particularmente em uma faceta que é, digamos, a mais importante — importantíssima: a anuência esclarecida de todos os seus intervenientes. Não mendigam assinaturas. Não impingem jornais. Não forcem ninguém. Respeitam a liberdade de cada um. Os 1.600 assinantes recebidos até agora, têm um valor intrínseco extraordinário. São porque são. Tanto assim, que ainda não se arrependeram. Nem tão pouco devolveram um jornal!

● AUSÊNCIA QUASE TOTAL DE PROVÁVEIS ASSINANTES

Ao longo dos anos decresceram as listas de prováveis assinantes. Tanto, que nesta arrancada, entre 1.600 novos leitores inscritos como assinantes, só recebemos duas listas daquele naipe! Uma notificada, delicadamente. Outra, recheada de amizade, mas anónima. Só pelo cheiro, Avelino pô-la de parte («Estás a ver...! São prováveis...») E eram!). Não sem ter feito tentativas — só por delicadeza, ao proponente anónimo. Do numeroso grupo, porém, ficaram na rede só dois! Todos os outros recusaram.

● CONTRA FACTOS...

Este processo, repetimos, é uma violenciazinha que nos custa muito. Vamos a factos. Contra eles não há argumentos. Ai vai um, muito concreto — e recente: Determinada senhora que, há cerca de 14 anos, recebia o «Famoso», foi alvo-rogada por um postal-aviso (quantos recebera no mesmo estilo?) com a inocente informação de que nunca obtivérámos dela notícias como participante activa da Família de leitores e assinantes do nosso «Gaiato». Agora, ao fim de 14 anos (quem sabe se de 14 postais...) devolve o «Famoso» e manda uma carta refilona — porque nunca pedi para receber o Jornal. Tem razão. Só não por 14 anos de silêncio, com carteiro à porta todos os dias...

● ARRANCADA INTELIGENTE E OPERANTE!

Enfim, «cada um come daquilo que gosta» — diz o povo soberano. Ora assim age e procede, generosamente — e muito bem — o simpático e numeroso grupo de Amigos que não virou a cara à Campanha. É uma arrancada inteligente e operante. De contrário, seria aqui um mundo de prováveis assinantes — eu sei por Campanhas anteriores, desde a primeira. Um mundo de jornais devolvidos. E de gente a refilar.

Nunca como agora, porém — e após 21 anos! — foi tamanha a perfeição. Assim Deus nos dê Força para correspondermos — e merecermos — inteiramente, os saltares frutos de uma plefa de Amigos que, valha a verdade, nunca dão por findo o seu trabalho.

● SOU POBRE...

Agora vamos dar nota do movimento quinzenal. Começamos por Lisboa. E apuremos os olhos e os ouvidos para fixar atentamente:

«Há muito que conheço o vosso Jornal. E, desde aí, sempre o tenho comprado às portas das Igrejas, onde quer que se venda. E faço-o não só pela

proveitosa leitura de que é portador, mais ainda pelo carinho que sinto por vós.

«Sou pobre, sim; mas, desde a primeira vez que ouvi falar da Obra de Pai Américo, não pude mais deixar de comprar o Jornal.

«Perante a minha pobreza (queria ter muito para vos dar muito), faz-me doer o coração ver tantas senhoras passarem ao lado dos vossos filhos, indiferentes e altivas, a quem o dinheiro não falta para comprar todas as iguarias e cosméticos, mas que ao sair da Missa não têm 1\$00 na carteira para adquirir «O Gaiato»!

«Estes 50\$00 que vos envio são duma amiga, que me pediu para o fazer e pede para a aceitarem como assinante. A morada é...

«Qualquer dia — quando possa — também serei vossa assinante...

«Dinheiro não tenho. Tenho, porém, muito carinho, que vos peço aceiteis com um desejo grande de que a vossa Obra seja cada vez mais abençoada por Deus. Rita».

A senhora Rita diz muito bem! Acrescentamos só que não nos é estranha a dor por aquele quadro vivo... de gente morta! Sofremo-lo dolorosamente, em nosso espírito, de

sacola aos ombros — «O Gaiato» nas mãos e na ponta da língua. Alinhámos pela senhora Rita — não há dúvida: os Pobres, com personalidade, distinguem perfeitamente, no seu íntimo, o que é e o que não é... Distinguem!

Mais: não resistimos à obrigação de inscrevê-la já como assinante — colaborando na sua intenção, e sem coarctarmos a legítima liberdade que se impôs. Porque o «Famoso» também é seu. Porque o capital de que dispõe (Amizade e Delicadeza fermentada na Pobreza) é o mais rentável e gaiato. Cujo dividendo foge às regras correntes do mercado de capitais. Verá que atrás de si — e por sua causa — virão outros e outros, despertados da letargia e anciosos por dar-lhe a mão, juntando-se à multidão anónima que, sem alardes, vai reunindo e conquistando almas inquietas para o «Famoso». E para que ele seja mais conhecido, mais lido e divulgado — quão valioso, enfim, aquele seu desejo grande!! O desejo dos Pobres é o desejo de Deus. Quem duvida?!

● TENHO FÉ...

Saltamos para Almeirim. Por lá, trabalha-se a valer! Só uma senhora recolheu 14 novos leitores. Ora vejam:

«Junto a esta vai a lista com os nomes de 14 assinantes. «É favor voltar a lista, que lá estão escritos mais 3 nomes, que fazem os tais 14.

«É tudo gente de confiança... «Tenho fé de ainda arranjar mais... mas ando um pouco atarefada com a ida para a praia; vou, se Deus quiser, com o meu netinho para Peniche, e como estou empregada o tempo é sempre pouco.

«Peço que me desculpe o tempo que lhe roubo a ler a minha carta.

«Felicidades e muita saúde a todos os gaiatos e seus dirigentes, e que Deus os ajude em tudo que necessitarem...»

Almeirim é a terra dos melões, não é? Mas saibam, também, que é terra de mulheres valentes e destemidas! Uma só — a D. Alzira — numa só embuscada, acaçou mais 14 novos assinantes! Alguns escreveram mesmo pelo próprio punho, o seu nome na lista. Até por isso — «é gente de confiança». Bravo! E viva o Povo de Almeirim!

● BREVE RESUMO DA MARCHA

No resto da marcha segue gente de Esposende, duas presenças da Póvoa de Varzim, Montemor o Velho, Amadora, Setúbal (sempre na brecha!), Azambuja, V. N. Foscoa e Valadares (Gaia). Depois, são grupos numerosos do Porto, Lisboa e Coimbra. E, mais adiante, avista-se o Ultramar: com uma série de Lourenço Marques, outra de Nacala e mais outra de Luanda. Aqui já se começa a esfregar os olhos! É uma cidade grande. Bonita. E tão populosa! Quando todos os nossos amigos de Luanda se dispuserem a saltar prá rua é um caso sério! Vamos prá frente?...

Júlio Mendes

Continuação da PRIMEIRA página

x x x

Desculpem a insistência. Pensamos inaugurar a Casa-mãe em 23 de Outubro. Sem orçamentos ou previsões financeiras, ao contrário dos esquemas comuns, estamos já preocupados com o acabamento das novas oficinas e o começo duma casa para 50 rapazes. Se se tratasse da aquisição, por centenas ou milhares de contos, de uma nova vedeta para qualquer grupo profissional de futebol, estamos certos de que apareceriam rapidamente muitos e ilustres mecenas a cotizarem-se. Como se trata de ajudar a salvar as vítimas dos nossos deslizos ou demissões, é natural que tenhamos de aguardar penosa e angustiadamente a respectiva oportunidade. Não importa por nós, que confiamos em Deus, mas é triste por aqueles que se perderão por uma desequilibrada visão dos valores. De uma coisa, porém, poderão ficar certos: não haverá publicidade ou comendas terrenas para aqueles que vierem ao encontro do nosso apelo. Neste lugar e nesta missão não alimentaremos vaidadezinhas!

P. S. — No Montepio Geral, por deferência e amizade de Directores e Funcionários, recebemos quaisquer donativos. Pelas mãos de um dos primeiros ali foram ter há dias 30 libras em ouro. É local seguro.

Padre Luiz

AQUILISBOA

Burocracite

Cont. da PRIMEIRA página

Nós pedimos na volta do correio, em 27 de Julho. Mas será que tão importante Serviço se dignará despachar até ao fim do mês...? Esperemos... Entretanto quem forçada e inútilmente espera a possibilidade de tomarmos a decisão de os chamar, são os pequenos.

3 — Pela segunda vez e agora em tom de ameaça, veio aí ter um impresso da Estatística que visa clara e notoriamente uma Entidade Explorada do quer que seja. Lemos as Instruções Gerais, que definem Estabelecimento — e não nos achámos na definição. Prosseguiu pelas Instruções Especiais, que exemplificam «como actividade principal da entidade exploradora aquela que representa o maior valor de venda de bens ou serviços: Uma peixaria, uma mercearia, um talho vendem bens.

Uma tinturaria, uma barbearia, um colégio vendem serviços.»

Ora como nós não vendemos peixe nem carne nem mercearia; nem tingimos roupa nem cortamos cabelos nem vendemos instrução — entendemos que aquilo tinha vindo cá dar por engano e que não era conosco.

Pois de lá teimam que é. E a gente fica na nossa: que não

sabe responder a um único dos quesitos, que vêm no inquérito.

Aqui a actividade principal da Entidade que somos, é: quanto podemos e sabemos, cumprir a única razão da Obra, que não é vender coisa nenhuma, mas pagar uma dívida social: «O que a Obra deve a cada rapaz é fazer dele um homem» (Pai Américo).

E já agora aproveitamos esclarecer de uma vez para sempre, que, embora não sejam muito da nossa especialidade as actividades estatísticas (pois não somos uma «desorganização organizada»!), não temos a elas qualquer aversão e as reputamos altamente favoráveis ao esclarecimento de muitos problemas e ao encontro das respectivas soluções.

O que pensamos é que um inquérito estatístico tem a sua inteligência específica e esta começará por não tomar como objecto de uma inquisição algo ou alguém absolutamente desajustado à natureza do que se pergunta.

Julgamos que com uma peixaria, uma mercearia, um talho, uma tinturaria ou uma barbearia, ninguém, por pouco avisado, nos confundirá. E de qualquer equívoco com um Colégio, onde se vendem serviços, defendemos nós este «Estabelecimento» em que tudo se dá!

A «vacca da praia» continua a dar que falar.. Desta vez foi Zé Pereira quem caiu. Aliás, ele é que começou a conversa, pois, sendo compositor, passou-lhe pelas mãos o original já aqui publicado, que tomou à letra. Daf... toca a tecer suas considerações salutares sobre a presença de uma vacca na praia, com consequente leitinho fresco.

Naturalmente explorou-se o filão... E vá de contar de como tendo Snr. P.e Abraão visitado a Feira Agrícola de Santarém e sendo todo de engenhocas, resolvera ensaiar na dita vacca um mecanismo de ordenha. Zé Pereira seguiu animado a descrição e confessou-se ansioso por que chegasse seu turno de praia, também para conhecer de vista tal processo.

Não sei se nos portámos suficientemente sérios para que o Zé Pereira não desconfiasse e se conserve, portanto, naquela curiosa expectativa.

x x x

Já falámos dos «Condes» e do interesse com que seguem na televisão o programa do Tin-Tin.

Pois Neca, um dia destes, voltou a desmascarar-se, na hora em que o chefe-maioral distribuía o correio. Tendo visto uma revista de bonecos, pediu-a ao Manuel António. O pior é que eu estava atento e aqui o deixo neste «pelourinho»!

x x x

Amândio e Tonicha são os reis da «sorna». Se o chefe do



seu grupo, que é o dos «bata-tas», olha pró lado, já sabe que os não encontra no seu lugar ao procurá-los de novo.

Tem-se tentado vários processos de os carrilar, como o «mão manduca quem não trabuca»..., sem grande resultado.

Um dia destes aparece-me aí o chefe com os dois fugitivos, que ele fora encontrar não sei onde em realíssima brincadeira.

Pois bem. Já que não podiam trabalhar, certamente por estarem muito cansados, decretou-se-lhes ordem de prisão, com repouso obrigatório toda a tarde. Um veio deitar-se aqui no meu escritório; o outro no do lado, que é do nosso Secretário-geral.

A tarde era linda de sol. Nossos amigos gostaram pouco do forçado descanso. Deus queira que ele lhes tenha despertado o apetite de trabalhar.

x x x

Agora que os Conjuntos estão em moda e os cantadores de baladas também, qualquer destes sujeitos ou grupo de sujeitos, que são notícia nos jornais ou nas revistas, também por cá são falados.

Como acontece, porém, que além das estranhas cabeleiras e extravagante aspecto geral, também os seus nomes são frequentemente estrangeiros (memo quando os sujeitos são co-indígenas nossos), sucedem por cá deturpações engraçadas. Uma, que ouvi há dias, trocava os «Wallace Colection»! por os «Olha que te aleijas»!

E nem P.e Fanhais escapou ao apelido de «P.e Façanhas»!

x x x

Num entremeio da última reunião de Sub-chefes, lembraram-se os adeptos do automobilismo de apanhar na mão a fazer de volante e zoadas nos lábios a fingir de motor, desde o Henrique, agora prestes a regressar do serviço militar, até ao «Meno», actual rei dos «Fângios» cá em Casa.

Pois «Meno» não dá passo que não pegue no seu automóvel. E agora que lhe deram um volante de plástico com alavanca de mudanças e tudo, ele achou por bem documentar-se, se não foi Manuel António quem tomou a iniciativa de documentá-lo... O certo é que eu apreendi temporariamente a carta e tenho-a aqui sob os meus olhos, em cópia razoavelmente fiel das autênticas, até na cartolina cor de rosa. Sômente, que na «classe de veículos para cuja condução a carta tem validade», está averbada a seguinte prosa:

«C — Só pode conduzir veículos ligeiros com menos de quatro rodas e mais de 180 lugares. O veículo não pode ultrapassar o peso do dobro do que tem o condutor.»

Assim, cantando e rindo, vamos levando ao calvário a nossa cruz!

x x x

Carlitos não gosta de pesar a ninguém com problemas dos seus pelouros. Sendo ele «patrão» do futebol e carecendo de receitas, quer para manutenção, quer para melhoramentos, quando apanha por aí os antigos ases do nosso futebol, nomeadamente os africanistas em férias, crava-os. Disto já eu sabia há algum tempo. Mas só há muito pouco fui conhecedor de que ele não marcava desafio com um grupo visitante sem o respectivo depósito prévio e que este era irreversível, mesmo que o jogo se não efectuasse.

E vá lá a gente gabar-se de que, aqui em Casa, «negócios, nem com o Vaticano»!...

AS NOSSAS EDIÇÕES

Actualmente dispomos dos seguintes volumes, de Pai Américo:

- Pão dos Pobres II e III vol. (2.ª edição)
- Obra da Rua (2.ª edição)
- Ovo de Colombo (2.ª edição)

Advertência de Pai Américo:

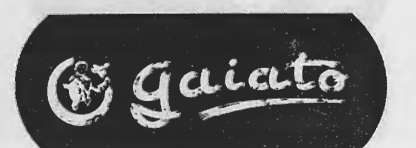
«O número de casas (do Património dos Pobres) já construídas é animador. Ele é uma promessa. A ideia caiu bem. A urgência existe. A vista e uso delas fazem-nos ver agora quão mal era instalado o Pobre e nós, quão injustos em assim o permitir. São elas que nos abrem os olhos e a inteligência e as veias.

«A leitura deste livro há-de necessariamente fazer luz na inteligência de muitos homens e dar-lhes uma força que jamais experimentaram; ou ele não seja o OVO DE COLOMBO!»

- Porta Aberta

Pedidos à Editorial da Casa do Galato — Paço de Sousa.

Visado pela Comissão de Censura



Seria este um desfiar de alegrias se não tivesse entrado em nós a mágoa de termos perdido um amigo. O Senhor dos vivos chamou a si George Cretikos, alma sempre disposta a fazer o bem. Há poucos dias, num momento de grande aflição, nos tinha dado duas dezenas de contos. Que o Senhor de misericórdia o tenha em Glória.

«Para que Ele nos assista com a sua graça», dois mil dum aumento de ordenado. Mãe de três rapazes, 150 e roupas. No dia de S. Tiago de alguém do mesmo nome, bolos para festejar o dia. Des Hepar 500\$00 de promessa. Um armário de rua de Évora. Do sr. professor que fez exame aos nossos, 200\$00 e roupas. Foram quinze da nossa escola, sendo três da Casa. Mil e seiscentos de um prémio da lotaria. Das Avesinhas e Guias da Capela militar, que vieram passar um dia admirável conosco, um grande caixote de géneros e cem. Alguém, por seu filho ter ficado bem. Cem todos os meses de um empregado das máquinas International.

Roupas fidalgas e um guarda fatos da rua Fernandes Tomás. Do nosso Manuel 30 rands. E 25 dollars-rodos, do sr. Julião que nos veio mostrar os seus filhos. Um concerto na bomba injectora do tractor, na ADCO. Empregado bancário com 200. Da av. A. Enes banheiras, bancas de cosinha e um tanque de lavar. Mais quinhentos por os netinhos terem dispensado

Lourenço Marques

e cem por os filhos terem passado. Roupa nova e muito entusiasmo pelo Obra de uma amiga protestante. Roupa e calçado, uma bicicleta manca e uma linda colcha nos trouxe a mãe do Jorge Amorim, soldado no Norte. Cem da mãe do Carlos. Uma geleira eléctrica quase nova. Até fica mal na cosinha e pior ainda porque não temos electricidade.

No «NOTÍCIAS» mil de A. M. S. e metade de M. Mendes. De uma vizinha cem por alma do pai e cinquenta da neta. E o repartir conosco da sua fruta. Mealheiro nas O. P. 20\$00 mais mil de quem o trouxe, antes de partir para férias e dusetos da mãe. Que Deus as acompanhe. Igual por alma de Artur Fernandes. Dum sr. Eng. que estuda os tempos e o momento de nos ajudar, 300\$ e 200\$. Na Paróquia 250\$, embrulho com roupas e mais 50\$ pela saúde de seus sete netos. Uma carrada de coisas várias da Rua Bartolomeu Dias.

Açúcar de Incomati e Sena Sugar. De Cruz da Beira cem, mesmo num mês sem vencimento. Que fidelidade extraordinária. Deus também é fiel. De Santos Gil 50 kg de arroz. Da Fasol 20 litros de óleo, um saco de farelo e 2500\$00 tão apreciados.

Da Mobil uma contribuição

de vinte mil escudos para o arranque da construção da Casa-Mãe. Será tão depressa quanto acabarmos as escolas que em Setembro entram ao serviço. Bem hajam os amigos da Mobil.

Cinquenta bilhetes para o festival da Juventude oferecidos pela «Bonanza». Visitantes com 50 mais cem, roupas e mimos. Um cursista com mil. Alguém que foi ver as nossas obras deixou 1.221\$. Um vicentino com 500\$. Igual e roupas de um casal. Em dos nossos, até há pouco em Tete, mandou 500\$. Sapataria S. S. S. muito calçado. Mais visitantes com 200\$ e cem. Dois vicentinos com 146\$50 e mais com 100\$, igual e metade. Quinhentos de uma promessa. E algum material eléctrico que já estamos a aproveitar. Não conseguimos furtar-nos a grandes despesas por via da electricidade. Para além de ajudas grandes da Rádio Avenida, Agência Mercantil, Stop e Efa-Acec, em materiais, projecto e montagem de dois operários especializados e amigos também, já gastámos mais de setenta contos e temos o pesado encargo de mais cento e vinte que hão-de vir quando Deus quiser. Bem hajam todos.

Padre José Maria

Os costumados 75\$, em selos de correio, vindos todos os meses da Amadora. 500\$ de Lisboa. Oliveira do Douro com 50\$ e «umas coisitas». Duma funcionária superior dos Telefones de Lisboa e Porto, 200\$. Cliente e amigo da tipografia, da Rua Santa Catarina, com a oferta de 1.000\$. Anónimo com 50\$. Assinante de Rio Tinto, que aparece mensalmente, com 100\$. Ass. 17.371 com cheque de 1.500\$. «Os Portistas de Miragaia», com 60\$. Águeda com os 40\$ habituais e sua legenda «Obra de Deus — para os Pobres».

A passar de 1.700\$, dum Curso Médico que, na sua reunião anual, quiz visitar esta nossa Aldeia e o «Calvário», deixando-nos à partida, toda a sua simpatia e admiração para com a nossa Obra.

Do pequeno Antero José, de Alcobaça, 500\$, com muito gosto em nos puder ajudar. Um gira-discos, de quem nos lê «com alma e ávida de ler mesmo nas entre linhas». Um fato e um casaco, de Benavente. Um pacote de roupas de Cacia. 500\$ de promessa. E da ass. 11.122, de Covas do Douro, 30 litros de bom azeite. «Por alma do Manuel», 100\$. Mais 565\$, daquela Senhora que, de há anos a esta parte, vem cá no dia de S. João. 20\$, e este pedido: «Para que uma jovem entre no bom caminho!...» Deus permita.

Do que nós necessitamos

Anónima de Torres Novas, com 100\$. Da Avó de Moscavide, a muita amizade e sua migalhinha de 100\$. Ass. 12844, de Faro com encomenda jeitosa, para este tempo estival. 100\$ de Coimbra. 20\$ e mais nada. Professora de Aguada de Cima, com 100\$. Professores e alunos do Curso nocturno Geral do Comércio de Braga, visitaram-nos com muita alegria. Duas graças concedidas, trouxeram-nos 100\$ e 50\$. Mais roupas de Alcoentre. Mais um aniversário de Alfaiataria Infantil, e a oferta costumada de vestuário tirone, para os nossos mais pequenos.

De um aumento de ordenado, 890\$. Do Sr. Manuel, da Rua da Corticeira, 50\$. «Para o que fôr mais necessário», 50\$. Escolas de Guardizela — Guimarães 100\$. E mais 300\$ também das Escolas da Gafanha do Carmo. Pessoal da Mecanografia da Cidla, com 32\$50. Assinante do Seixal, com 50\$. Mais mil

de Lisboa. E 1.015\$20, de pessoa amiga, em França, que nos chegou pelas mãos do Sr. António da Silva Mota. Por alma de dois Josés, 100\$. Amigos do Bairro da Pasteleira, com 300\$. De E. D. M. os 20\$ mensais. 500\$ de visitantes, do lugar da Igreja — S. Félix da Marinha. A visita anual da Cruzada de Benfazer de Viana do Castelo, com muita saudade e simpatia pelo Pai Américo e sua Obra. 1.000\$ por alma do Sr. José Luís Gonçalves Ramada, que foi já lembrado na Santa Missa. Mais «umas visitas» de Cadaval.

«Com muita amizade», 1.385\$, entregues no Lar do Porto, dentro dum envelope bonito e todo florido. Oxalá, que quem o entregou, saiba a muita admiração que me causou!

De Leiria os 40\$ de sempre, e nada mais. Da Costa Nova, 100\$, pelas intenções dum casal que se encontra nos Estados Unidos da América. «Viúva amargurada» com migalhas de 150\$ e 200\$. Saldo de uma confraternização de cursistas, 370\$. Maria Isabel, de Lisboa, com 50\$. Transmontana com 100\$. E cá vai, aquela professora primária, de Famalicão, que antes de partir para férias, se lembrou de nós, com 100\$.

Maria, de Lisboa, com 6.500\$, para acudir a alguma necessidade mais premente. De Santarém, a simpatia de sempre e a legenda já conhecida «Da nossa filha, para os vossos filhos, nossos irmãos, o abono de família do mês de Junho. Um casal muito amigo». Esta oferta, vem-nos todos os meses e, quando a vejo, alegro-me. Deus vos pague, Amigos.

«Estamos de abalada para uns dias de férias. Ao arrumar os últimos papéis encontro aqui três cheques sobre Angola que, como de costume, enviamos para as vossas Casas lá». Bem hajam e que as vossas férias sejam a todos os títulos benéficas.

Mais 100\$, «já que o Senhor nos deu a graça de podermos trabalhar e preparar o futuro de 3 filhos que nos deu, não era justo que nos esquecéssemos daqueles rapazes, que não tiveram a mesma sorte que os nossos». Simpática a vossa lembrança. Por ela, obrigado.

De Valadares, 100\$ e mais 300\$. É já conhecido este Amigo. «Grupo Excursionista dos Amigos de S. Brás», com 50\$. Casal de Benguela com mil. Amiga do Henrique com 48\$ e 50\$ e 20\$ de uma graça. Mais um saco de roupas, vindo de Bragança, mai-la simpatia, admiração e estima, de amiga Alice.

Hermínia com 100\$. Das Escolas de Lousada 400\$. Ass. 16.264, de Braga, presente to-

dos os meses. E 20\$, «com um sabor muito especial, pois são do meu primeiro ordenado». 50\$ de algures. Pelas melhoras de pessoa amiga, 50\$. Mais esta carta:

«Envio 500\$00 para a vossa cristianíssima e fraterna Obra, desejando que destineis uma

fracção do mesmo, para o Calvário.

Agradecemos ao Senhor, (que semeou nos vossos corações a semente do AMOR e a protegem até ao ponto de dar frutos que os homens precisam de ver para acreditar que Cristo continua na Terra) que nos concede Padres de coração grande, capaz de acolher todos os desprezados e, Leigos dedicados, colaboradores humildes dos primeiros, parafusos sem os quais essa grande Fábrica de Caridade ficaria desconjuntada.

Louvado seja Deus!
O meu profundo respeito e desejos das maiores alegrias no Senhor.»

Por hoje é tudo. Obrigado.

Manuel Pinto

Cantinho de poesia

Farrapos de núvens e sol ameno

Entrei naquela fazenda
— o Sol mansamente se afastava —
onde a beleza em tudo está
e é feita com amado suor.

Vi a linda casa do Fernando,
amigo terno e sempre pronto
da diligente esposa e amadas filhas.
Entrei na do Octávio
— amigo tão verdadeiro! —
onde a esposa cumpre incansável
e os filhos na escola se cultivam.

E que sentimento de conforto, de confiança,
tão discreto e tão autêntico,
se ganha na presença
do nosso querido Padre Telmo!
Outra Natureza, que a sensibilidade alcança,
ali se nos põe diante.
Rompe Primavera triunfante
de música, cor e formas perfeitas,
onde amor é o ar que se respira.
Ali se criam os verdadeiros
e poderosos pensamentos
e se fortalece a vontade,
depois que, humildes, a simplicidade abraçamos.
Ali tudo é propício aos corações sinceros.

Passeando o olhar pela doce paisagem,
embevece-nos o prateado brilho das lagoas,
o arranjo paradisíaco do arvoredo,
a brancura refulgente do imenso algodão
e a graciosidade da flor do gira-sol.

Ó generosos campos, quanto prazer
aos esforçados lavradores
e quão saboroso alimento
a sessenta felizes bocas vós não dais!

E cada dia as crianças, em tinindo o sino,
correndo contentes
à escola se vão.
As horas repartem em criadoras tarefas
e lhes é dado tempo para o seu folgado.
E os já crescidos, bom rumo tomando,
no trabalho vêm do sucesso o segredo.

Amigos meus do Culamuxito!
Se vós soubésseis
a vida autêntica
que aí levais,
não trocaríeis nunca
por sonhos irreais
esse vosso salutar viver!

Amai as horas calmas,
as ocupações criadoras
e esse lindo céu
que aí vos abençoa.

ORLANDO

Setúbal

Cont. da PRIMEIRA página

tudo era algazarra matutina no refeitório, pois ainda era cedo, fui dar uma volta pela Casa. Passei o arco e ia pra eira, quando olhei a padaria e vi um deles sentado, a fazer não sei o quê. Fui com o intuito de lhe dar uma rabecada por via dos outros estarem na mesa a tomar o café, e ele não. Cheguei a meio do caminho e então vi o que tanto me sensibilizou. Eram três gatinhos pretos a miar de roda do faldoso que estava a amamentá-los com uma seringa. É o Montemor a dizer-nos que também ele foi abandonado e quer carinho e leite para se alimentar, já que todos fugiram e o vieram trazer. Ele é um dos nossos padeiros.

Marcolino é nosso e meu carpinteiro. Noutro dia levou para a oficina um pardal que se tornou um miminho da ofi-

cina. Não havia outros distúrbios senão o pardalito intrrometer-se com todos nós, mesmo com o mestre da oficina. Um dia senti a falta do pardalito do Marcolino, e perguntei a todos...

E todos me disseram que andava «lá fora» e tinha fugido.

Passaram-se dias e eis que vejo de novo um pardal ao pé do banco do Marcolino.

Perguntei de quem era, por o ver tão domesticado. «Que não é o meu; ele fugiu, e o Taia apanhou-o e disse que não era o meu.»

Eu aceitei a posse do Marcolino, tanto mais que o comecei a ver na carpintaria a saltar prós meus ombros.

Tanto Marcolino como aquele que eu desejo seja o pardalinho da Carpintaria, cada um no seu lugar, são dos meus ombros, por via de eu ter sido dos ombros de outros. Que santa lição me deu o pardalinho que saiu da posse do Marcolino e foi pró Taia, e tornou pró Marcolino e anda na Carpintaria, aos mimos de todos!

Eles, mais os seus passarinhos, vão pra quem os domestica e deixa empoleirar nos ombros...

Ernesto



TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE